

Leonardo da Vinci: uma mirada

Eduardo Kickhöfel



Arte e conhecimento em Leonardo da Vinci
Alfredo Bosi
Edusp
88 páginas | R\$ 34,00

Leonardo da Vinci não cessa de fascinar. Pesquisadores das mais diversas áreas de estudo voltam-se ao personagem-símbolo da *civiltà* (cultura) renascentista. Sua obra de múltiplas facetas talvez sugira a possibilidade de obter conhecimento universal, ou ao menos uma chave para tal conhecimento. Eis então *Arte e conhecimento em Leonardo da Vinci*, de Alfredo Bosi, professor emérito de literatura brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), que procura uma chave para entender sua obra.

O livro em questão não busca senso histórico. Bosi não consultou as recentes publicações da editora Giunti da obra de Leonardo em fac-símiles nem intérpretes como Pietro Mariani e Martin Kemp, citando aqui o estudioso que talvez melhor conheça a obra pictórica de Leonardo e seu mais importante intérprete. Bosi também não expressa conhecer fontes do período, em especial Leon Battista Alberti, cujos tratados a respeito da pintura, escultura e arquitetura fornecem conceitos e questões para compreender a produção do italiano. O livro em questão pode ser entendido como um ensaio, uma interpretação não diretamente dependente de estudos eruditos, como o famoso *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*, de Paul Valéry.

Essa opção implica riscos, especialmente se não esclarecida. Assim, o título não corresponde ao conteúdo do livro. Arte como forma de conhecimento está presente em textos renascentistas, como naquele em que, ao tratar da disputa entre pintura e escultura, Benedetto Varchi segue Aristóteles e diz que arte é “um hábito intelectual que faz com razão verdadeira e certa”, ou seja, conhecimentos práticos racionais para produzir não só pinturas e esculturas, mas discursos, operações comerciais etc. Sem contextualização histórica, o autor utiliza termos anacrônicos como “artista” e “cientista”. Se por artista entende-se pessoa que expressa sua respectiva subjetividade, então artistas são tipos que existem do Romantismo em diante. Leonardo, como Michelangelo e tantos outros mais, fez obras seguindo encomendas e contratos. Se por cientista entende-se pessoa que elabora leis naturais expressas matematicamente, obtidas por meio de observações sistemáticas e

experimentos, então cientistas surgem entre os modernos, e o tipo profissional que conhecemos hoje teve origem em meados do século XIX. Não obstante noções que prenunciam questões modernas, Leonardo se interessava por filosofia natural, ou seja, conhecimentos teóricos e especulativos a respeito da natureza subordinados a concepções metafísicas. Entretanto, sendo justo para com o autor, leonardistas importantes também usam “artista” e “cientista” para qualificá-lo.

Isto posto, o livro percorre diversas facetas da obra de Leonardo. Particularmente feliz e iluminadora é a citação, logo no início, da sua descrição de caverna: “E arrastado por minha ardente vontade, desejoso de ver a grande cópia das várias e estranhas formas feitas pela engenhosa natureza, girando eu algum tempo por entre escolhos sombrios, cheguei à entrada de uma grande caverna. Diante da qual, um tanto estupefato e ignorante daquela coisa, dobrei em arco os meus rins, pousei a minha mão cansada sobre o joelho, e com a destra cobri os cílios abaixados e cerrados, e muitas vezes me dobrei ora de um lado, ora de outro, para ver se ali discernia alguma coisa, o que me era vedado pela grande escuridão que havia lá dentro. E passado algum tempo assaltaram-me duas coisas, medo e desejo: medo da ameaçadora e escura espelunca, desejo de ver se lá dentro houvesse alguma coisa miraculosa”. O comentário de Bosi é preciso: “Aqui diferem os significados da caverna platônica e da caverna leonardesca. Da primeira deve o homem libertar-se para ver o mundo à luz do sol, matriz de todo o saber. Na segunda, sabendo-a embora escura e ameaçadora, o artista deseja penetrar nela para surpreender quem sabe quais segredos e prodígios”. Muitas coisas maravilhosas estão naqueles manuscritos belos e estranhos, e o livro percorre tópicos como anatomia, o fabulário de Leonardo, desenho e pintura.

As belas páginas do ensaio de Bosi, mesmo que eventualmente anacrônicas, auxiliam a apreciar a obra de Leonardo e talvez sejam estímulos à incipiente pesquisa desenvolvida até hoje a seu respeito no Brasil.

Eduardo Kickhöfel é professor de história da filosofia da Renascença na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo.